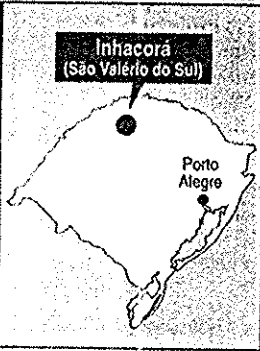


# Índio morre em confronto com agricultor

O pai do cacique da reserva de Inhacorá foi alvejado e 10 indígenas ficaram feridos na disputa por terras

VERONICE MASTELLA  
Correspondente São Valério do Sul

## ONDE FIGA



A paz entre pequenos agricultores e índios caingangues da reserva de Inhacorá, no município de São Valério do Sul, foi novamente abalada. A disputa pela posse de terras gerou um episódio de violência no amanhecer da última segunda-feira, que resultou na morte do índio Angelo Miguel, 64 anos, pai do cacique Irani Miguel, e na destruição da sede da propriedade do agricultor Getúlio Chaves Vianna, 65 anos. O responsável pela deflagração do confronto e as circunstâncias em que tudo ocorreu ainda estão sendo investigados pelos policiais de Santo Augusto e de Santo Ângelo. Além disso, 10 índios ficaram feridos - quatro estão internados em Santo Augusto e um em Passo Fundo.

A batalha entre a família Vianna e os índios da reserva de Inhacorá começou na Justiça há aproximadamente um ano, com a disputa por uma área de 28 hectares. A posse das terras ocupadas pelo agricultor há 44 anos, cedidas pelo Estado, está sendo reivindicada pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Na manhã de segunda-feira, cansados de esperar por uma decisão da Justiça, cerca de 50 índios foram procurar Vianna, por volta das 6h, exigindo que ele deixasse a área. De acordo com o cacique Irani Miguel, o Estado teria oferecido ao agricultor outra área em Taquari.

Em vez de diálogo, houve confronto. Os índios estavam armados com pedras e tacapes (bastões de madeira). A família do agricultor usava facas e uma espingarda calibre 24. Os índios alegam que foram recebidos a tiros. O agricultor afirma que ele, sua mulher, Ideleina Dornelles Vianna, 56 anos, e os filhos, Aldacir, 39 anos, e Alfeu, 30 anos, foram acordados com a casa sendo apedrejada e cercada por índios. Depois de tentar em vão defender a propriedade, os agricultores se refugiaram num mato junto à casa. Por volta das 8h, quando um índio chegou ao hospital de Santo Augusto, a Polícia Civil foi informada de que estava ocorrendo um confronto.

Quatro policiais civis e quatro soldados da Brigada Militar foram ao local e conseguiram resgatar a família de agricultores. Por volta das 9h, depois de constatarem a morte do pai do cacique com um tiro no peito,

os índios saquearam o local e atearam fogo na casa e em dois galpões. O incêndio destruiu todos os pertences da família. Os índios levaram os porcos, galinhas, vacas e cavalos.

O cacique Irani Miguel, 26 anos, não descarta vingança pela morte de seu pai. "A comunidade indígena está revoltada", avisa. O agricultor, refugiado na casa de amigos com sua família, diz que buscará indenização na Justiça. Vianna reconhece que, depois do confronto, voltar para suas terras tornou-se uma temeridade. A mulher do agricultor, Ideleina, que chegou a ser arrastada pelos índios, está em estado de choque. Apresenta um corte no braço direito e hematomas por todo o corpo, especialmente nos seios. Quando não está sob o efeito de sedativos, chora, lembrando os momentos de terror que viveu.

Apesar da gravidade dos ferimentos, Ideleina não foi internada porque nos dois hospitais de Santo Augusto encontram-se quatro índios feridos. O índio Antônio Silva sofreu duas cirurgias e passa bem, internado no Hospital São Vicente de Paulo, em Passo Fundo.

A família e a própria polícia temem represálias dos índios. O agricultor Getúlio Chaves Vianna, apesar de ter confessado a autoria dos tiros que causaram a morte do índio e ferimentos em mais 10, não está preso. O delegado João Estevam Mazine da Silva diz que não há amparo legal para decretar a prisão do agricultor. "Ele foi atacado em sua propriedade", destaca.

O delegado, temendo novos confrontos, solicitou reforço da polícia ao 7º Batalhão de Polícia Militar com sede em Três Passos. Até o final da noite de ontem, o pedido não havia sido atendido.



Destruição: o local da guerra virou um amontoado de cinzas e restos de objetos da família Vianna



Trauma: Vianna teme voltar para as suas terras

## Escombros revelam a violência da luta

Além de gerar um clima de tensão em toda a região, o confronto entre índios caingangues e a família do pequeno agricultor Getúlio Chaves Vianna deixou marcas de destruição. Ontem, na reserva de Inhacorá, onde vivem 160 famílias de caingangues, o clima era de revolta pela morte de Angelo Miguel, pai do cacique Irani Miguel. Na propriedade do agricultor, silêncio e desolação. A casa e os galpões, propriedade dos Viannas, são hoje apenas três pequenos montes de cinza. Apenas dois fogões e uma máquina de costura retorcidos pelo fogo, além de outros poucos objetos pessoais espalhados pelo terreno, revelam que no local já existiu uma residência.

Pequenas lavouras de feijão, mandioca, milho e amendoim foram deixadas para trás às pressas. Os porcos, galinhas e outros animais foram levados pelos índios, de acordo com os proprietários. Apenas dois cães magros e dois filhotes de gato foram esquecidos. Fiéis aos seus donos, vagueiam entre as cinzas. No pomar, entre as árvores frutíferas, misturam-se bastões - utilizados pelos índios durante o confronto - e restos de documentos pertencentes à família Vianna, um certificado de conclusão do Curso de Crochê realizado pela neta Marlei, 19 anos, e inúmeros cartões de aposta na sena.

## Polícia Federal vai investigar os crimes

NILSON MARIANO \*

A administração da Fundação Nacional do Índio (Funai) pretende responsabilizar o posseiro Getúlio Chaves Vianna pelos conflitos ocorridos segunda-feira na reserva de Inhacorá que resultaram na morte do caingangue Ângelo Miguel e ferimentos em outros 10 indígenas. "Queremos que o Getúlio pague pela morte do índio", exigiu ontem o administrador regional da Funai, Glênio da Costa Alvarez, no município de Passo Fundo. A Polícia Federal de Santo Ângelo vai abrir inquérito para investigar os crimes.

Alvarez disse que Getúlio e seus dois filhos costumavam hostilizar os 649 caingangues de Inhacorá - uma reserva de 2.843 hectares, demarcada oficialmente em 1991. "Não é de hoje", observou o administrador. "O Getúlio ameaça os índios há muito tempo, já atirou em índio no passado." A Funai havia ingressado com uma ação de reintegração de posse na Justiça Federal de Santo Ângelo, no começo deste ano, para retirar Getúlio Vianna e uma outra posseira da reserva. O processo ainda não foi julgado.

Pela versão da Funai, Getúlio Vianna seria culpado pelo confronto. Instalado há 44 anos numa área de cerca de 50 hectares, Getúlio estaria incitando a outra posseira, uma viúva, a não sair da reserva, o que irritou os índios. As disputas por terras em Inhacorá vêm ocorrendo desde 1962, quando o então governador Leonel Brizola loteou parte dos 5 mil hectares da reserva. Além de deixar apenas 2.843 hectares para os caingangues, Brizola instalou uma estação agrícola experimental de 600 hectares dentro de Inhacorá. No ano passado, o governo estadual devolveu os 600 hectares aos indígenas, mas Getúlio e uma viúva, ex-funcionários da estação agrícola, decidiram ficar.

A Polícia Federal de Santo Ângelo abrirá inquérito, nos próximos dias, para investigar o conflito. A assessoria de imprensa da Superintendência Estadual da Polícia Federal disse que aguarda a conclusão dos laudos técnicos para começar as apurações. A Funai de Brasília está acompanhando os desdobramentos do caso.

Os índios caingangues e a família Vianna negam ter protagonizado cenas de violência nem os motivos que as originaram. Discordam, porém, sobre quem atirou a primeira pedra ou detonou o primeiro tiro. O cacique Irani Miguel afirma que o grupo de aproximadamente 50 índios foi até a casa do agricultor para dialogar, na tentativa de convencê-lo a aceitar do Estado terras no município de Taquari, deixando sua atual propriedade para os índios. "Fomos recebidos a tiros", enfatiza.

O relato do agricultor é diferente. "Quando acordamos, a casa estava sendo apedrejada e já estava cercada por centenas de índios", afirma Vianna. O agricultor diz ainda que os caingangues da reserva de Inhacorá, durante o confronto, receberam o apoio de índios de outras reservas. Vianna conta ainda que na sexta-feira amigos haviam lhe alertado que os índios planejavam atacar sua propriedade. "Não acreditei, porque havia um acordo entre os índios e eu para aguardarmos pela decisão da Justiça sobre a posse desta área", afirma.

Existem 24 reservas indígenas no Rio Grande do Sul, num total de 76.332 hectares, onde estão aldeados 12.300 caingangues e 700 guaranis. Também chamados de coroados e xoelengues, os caingangues dominavam toda a região Sul do Brasil antes da chegada dos portugueses.



Arma: o delegado João Estevam Mazine mostra a espingarda calibre 24 utilizada para matar Angelo Miguel



Revolta: o cacique Irani Miguel (D) não descarta vingança

### Confusão previsível

CARLOS WAGNER

O conflito da reserva indígena de Inhacorá, em São Valério do Sul, já estava previsto. Bem como outros confrontos que estão sendo gestados, neste momento, nas outras 23 reservas do território gaúcho. No Rio Grande do Sul, o motivo destes conflitos é simples. Até a década de 60, as reservas somavam 120 mil hectares. Na época, o governo federal transferiu ao Estado a responsabilidade pela administração das áreas. O então governador Leonel Brizola desapropriou em torno de 60 mil hectares de terras indígenas. Parte dessas terras já estava ocupada por grileiros, que tiveram a sua situação legalizada. Em outra parte das terras desapropriadas, o governo construiu estações agrícolas experimentais, projetos de colonização e até um aeroporto. Inhacorá, que tinha 5 mil hectares, perdeu quase 50% da área para grileiros e uma estação experimental. Em 1988, a Constituição Federal garantiu o direito dos índios de reaverem essas terras. Desde então, a Funai tem negociado, na Justiça, a retomada dessas áreas. As negociações são lentas, e o resultado disso são conflitos generalizados. Por exemplo: na cidade de Iral, no Norte do Estado, os índios retomaram o aeroporto, que foi construído em suas terras. Em Nonoai, recuperaram pela força o parque estadual. Além desses conflitos, existem pequenas disputas, como foi o caso de Inhacorá.

\* Colaboraram Sucursal de Brasília e Verônica Mostella